

HUMOR E PERSUASÃO NO DISCURSO RELIGIOSO: O PAPEL DA ALUSÃO EM UMA PREGAÇÃO

Franciely Corrêa de FREITAS⁹⁴

Ana Cristina CARMELINO⁹⁵

Resumo: Considerando-se que o humor também está presente no contexto religioso, analisamos neste artigo parte de uma pregação bem-humorada. Trata-se de “Reconstruindo as verdades de Deus”, proferida pelo pastor Cláudio Duarte. O objetivo do texto é evidenciar que a figura retórica conhecida como alusão pode funcionar tanto como recurso de persuasão quanto de produção de humor. Os pressupostos teóricos e analíticos adotados nas análises advêm especialmente da Retórica aristotélica (ARISTÓTELES, 2011) e da Nova Retórica (PERELMAN e OLBRECHTS-TYTECA, 2005; REBOUL, 2004; FERREIRA, 2010).

Palavras-chave: Retórica. Persuasão. Pregação. Humor. Alusão.

Abstract: *Considering that humor is also present in the religious context, in this article we have analyzed part of a humorous preaching. It is “Rebuilding the truths of God”, pronounced by Minister Cláudio Duarte. The objective of this text is to demonstrate that the rhetorical figure known as allusion can function both as persuasion feature and as production humor. The theoretical and analytical assumptions adopted in the analysis come especially from Aristotelian Rethoric (ARISTÓTELES, 2011) and the New Rhetoric (PERELMAN and OLBRECHTS-TYTECA, 2005; REBOUL, 2004; FERREIRA, 2010).*

Keywords: *Rhetoric. Persuasion. Preaching. Humor. Allusion.*

⁹⁴ Mestranda em Estudos Linguísticos do Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal do Espírito Santo (PPGEL-UFES), Vitória, Espírito Santo, Brasil. E-mail: franciely.correa@gmail.com.

⁹⁵ Doutora em Linguística e Língua Portuguesa pela Unesp/CAR; Professora Adjunta do Departamento de Letras da Universidade Federal de São Paulo (Unifesp), São Paulo, Brasil, e do Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal do Espírito Santo (PPGEL-UFES), Vitória, Espírito Santo, Brasil. E-mail: anacriscarmelino@gmail.com.

Humor e pregação: considerações iniciais

Complexo de ser definido, o humor consiste em um fenômeno capaz de despertar sentimentos antagônicos: assim como pode, em diversas situações, gerar alegria (pela descontração), também pode incitar a raiva (pela ofensa). Logo, refletir sobre o humor – e entender seu papel em cada prática social em que é movido – é sempre um desafio.

Ainda que possa ser visto em diferentes esferas e práticas de atividade, o humor não é muito comum no contexto religioso. A explicação para isso não é difícil de ser entendida e aceita (ao menos para o senso comum), afinal, para muitos, humor não é considerado coisa séria. Religião, sim.

Neste artigo, buscamos mostrar que essa visão sobre o humor (e sua relação com religião) nem sempre procede. Desse modo, analisamos parte de uma pregação religiosa bem-humorada. Trata-se de “Reconstruindo as verdades de Deus”. O objetivo do estudo é evidenciar também que a figura retórica conhecida por alusão pode funcionar tanto como recurso de persuasão quanto de produção do humor.

Proferida pelo pastor Cláudio Duarte, “Reconstruindo as verdades de Deus” foi gravada durante um culto, é comercializada em DVD e pode ser acessada livremente no YouTube⁹⁶. Nela, o pastor versa sobre diversas verdades de Deus que o homem tem interpretado de forma equivocada (isto é, que vai de encontro aos preceitos bíblicos) para viver de maneira mais prazerosa e fácil.

O objeto de análise deste texto, um recorte da pregação que foi transcrito com base em uma adaptação no sistema de notação empregado pelo grupo de pesquisadores do Projeto NURC/SP (CASTILHO; PRETI, 1986)⁹⁷, aborda especificamente relações familiares, tais como: os problemas que podem perpassar a relação entre homem e mulher na vida conjugal (caso do adultério), criação dos filhos, convivência entre nora e sogra.

Os pressupostos teóricos adotados neste estudo advêm da Retórica aristotélica e da Nova Retórica, especialmente com base em Aristóteles (2011), Tringali (1988), Perelman e Olbrechts-Tyteca (2005), Reboul (2004) e Ferreira (2010). Para contextualizar o gênero pregação religiosa, partimos das considerações de Figueiredo *et al.* (2009). No que diz

⁹⁶ DUARTE, C. Reconstruindo as verdades de Deus. 3 abr. 2013. **YouTube**. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=Lpjb0MG4GWA>>. Acesso em: 30 mai. 2016.

⁹⁷ O quadro elaborado para a transcrição do objeto de análise deste artigo consta do anexo que se encontra no final deste texto e consiste numa adaptação das normas de transcrição do Projeto de Estudo da Norma Linguística Urbana Culta de São Paulo (NURC/SP).

respeito ao discurso religioso, baseamo-nos nas reflexões de Figueiredo e Rodrigues (2008) e Nascimento (2012). Em relação ao discurso humorístico, levamos em conta os estudos de Travaglia (1992) e, em especial, de Carmelino (2012).

Discurso religioso e pregação: o objeto de análise

O discurso é o lugar em que se estabelecem os acordos. Segundo Tringali (2014, p. 26), “discursar [...] significa percorrer um tema, através de seus vários ângulos. Da ação de discursar, resulta o discurso, com um produto. Pela força da etimologia, discurso supõe uma atividade predominantemente, intelectual, dissertativa e argumentativa”.

As pregações fazem parte do discurso religioso. É sabido que esse tipo de discurso tem forte carga persuasiva. Dado que se explica pelo fato de ter como fonte de argumentação a Bíblia (FIGUEIREDO; RODRIGUES, 2008), livro sagrado para os que Nela acreditam. Obra, portanto, detentora de argumentos tidos por seus fiéis como irrefutáveis.

Nas palavras de Nascimento (2012, p. 54), o discurso religioso “assume o discurso bíblico como seu interdiscurso fundante, o que lhe garante autoridade e dá-lhe base para a aceitação de seu conteúdo no universo religioso”. Em outros termos, esse discurso “emana da autoridade eclesial que tem como propriedade a ritualização e o referente é o homem com sua relação com Deus e os outros homens” (AMARAL, 2015, p. 69).

A pregação, segundo os estudos de Figueiredo *et al.* (2009, p. 151)⁹⁸, consiste em um “gênero estritamente oral, produzido por líder religioso e que tem como destinatários fiéis pertencentes a um grupo comum, além disso, apresenta duração mínima estabelecida”, de aproximadamente uns quarenta minutos (40’). Os autores ainda ressaltam que o intuito discursivo da pregação é de conservar seus fiéis, moldar o seu caráter e converter novos adeptos.

O objeto de análise deste artigo – ainda que se constitua de forma bem-humorada, dado não muito comum aos gêneros da esfera religiosa –, pode ser considerado uma pregação, tendo em vista as características que apresenta: ser oral e produzida por um líder religioso (Pastor Cláudio Duarte), ter como auditório os membros da Igreja Batista Monte Horebe, buscando não apenas construir e fortalecer o caráter desses fiéis, mas também manter a fidelidade deles.

⁹⁸ Para definir o gênero pregação, Figueiredo *et al.* (2009) tomam como base alguns estudiosos de teorias de gênero, tais como Bakhtin (2003), Maingueneau (2001) e Bronckart (1999).

Ademais, o pastor respalda sua exposição com trechos bíblicos, discorre acerca de uma temática que vai ao encontro dos preceitos defendidos pela congregação religiosa que representa (a manutenção dos valores tradicionais de família) e a exposição, cuja duração é de 52 minutos, ocorre em um templo religioso, onde foi gravada e posteriormente comercializada em DVD.

Em “Reconstruindo as verdades de Deus”, como já mencionado, o pastor trata de várias “verdades de Deus” que o homem tem compreendido equivocadamente para viver de maneira mais agradável e prazerosa. Nesse sentido, tais “verdades”, segundo a pregação, são contrárias aos princípios bíblicos. No recorte a ser analisado, o orador aborda especificamente as relações familiares, a saber: os problemas que podem perpassar a relação entre homem e mulher na vida conjugal (como o adultério), a criação dos filhos, a convivência entre nora e sogra.

No que concerne ao orador, Cláudio Duarte, casado e pai de dois filhos, é membro da Igreja Batista Monte Horebe, sediada no Rio de Janeiro. O pastor ficou conhecido nacionalmente após trechos de suas pregações serem publicados na Internet e pelo modo irreverente como toca em assuntos familiares, especialmente a relação entre marido e esposa.

Convém ressaltar que, autointitulado comediante, Duarte atualmente mantém um canal no YouTube, conhecido como “Um pastor cheio de graça”. Nele são feitas postagens de piadas bíblicas e diversos conselhos para casais, todos com (muito) bom humor. Daí se pode dizer que o termo “graça”, que consta do título do canal (“pastor cheio de graça”), remete tanto à “benção divina” quanto ao gracejo (ser divertido, engraçado).

Retórica, alusão e humor

Em um brevíssimo percurso pela história de uma das ciências mais prestigiadas na Antiguidade, a Retórica, é preciso ressaltar que ela passou por consideráveis mudanças de enfoque. Graças a Aristóteles, quem primeiro teorizou sobre o poder da palavra, reconhecendo que argumentar não consistia apenas em uma atividade racional, porque pressupunha debate, opinião, paixão, a Retórica passou a se distinguir da Lógica, ciência vinculada ao raciocínio axiomático (CARMELINO, 2008).

Nas palavras de Aristóteles (2011, p. 44-45), a retórica é a “faculdade de observar, em cada caso, o que este encerra de próprio para criar a persuasão”. Nesse sentido, essa ciência

era compreendida “como o poder, diante de quase qualquer questão que nos é apresentada, de observar e descobrir o que é adequado para persuadir”.

Ainda conforme Aristóteles, nessa perspectiva, o ato retórico mobiliza um orador, um auditório e um discurso, que são simbolizados respectivamente pelo *ethos*, *pathos* e *logos*. O *ethos* refere-se ao caráter que o orador deve assumir para inspirar confiança em seu auditório. O *pathos* concerne ao envolvimento e ao convencimento do auditório a partir de seus sentimentos (paixões) e de suas crenças. Já o *logos* diz respeito à argumentação racional, ao discurso propriamente dito.

A Retórica Antiga, segundo os estudiosos, priorizava a arte de falar bem e da eloquência, concentrando-se, portanto, no *logos*. Desse modo, para concretizar o ato retórico, buscavam-se nas figuras de estilo e retórica os recursos necessários tanto para construir um bom e belo discurso, quanto para seduzir o auditório (TRINGALI, 1988).

Entretanto, na segunda metade do século XX, a retórica aristotélica é reformulada. A Nova Retórica, como passa a ser chamada, deve-se especialmente às contribuições de Perelman e Olbrechts-Tyteca (2005), que propõem uma teoria da argumentação cujo objetivo é o “estudo de técnicas discursivas que permitem provocar ou aumentar a adesão dos espíritos às teses que se lhes apresentam ao assentimento” (p. 4).

A Nova Retórica não pretende dar prioridade à técnica de produzir discursos, mas, preocupa-se, principalmente, em oferecer formas que possibilitem interpretar discursos. Nesse contexto, “todo discurso é, por excelência, uma construção retórica, uma vez que procura conduzir o auditório numa direção determinada e projetar um ponto de vista, em busca de adesão” (FERREIRA, 2010, p. 49).

Desse modo, nos enfoques contemporâneos, as figuras retóricas deixam de ser vistas como meras fórmulas de ornamentar o texto; não dizem respeito apenas a um uso incomum na língua. Segundo Perelman e Olbrechts-Tyteca (2005) e Reboul (2004), elas desempenham papel persuasivo, uma vez que constituem uma licença estilística para facilitar a aceitação do argumento.

“Se o argumento é o prego, a figura é o modo de pregá-lo...”, afirma Reboul (2004, p. 114). Ferreira (2010) complementa salientando que o valor argumentativo das figuras ultrapassa a expressão da subjetividade, uma vez que elas pretendem “impressionar pela emoção e condensar valores necessários para estabelecer a argumentação” (p. 105).

No que tange à classificação das figuras retóricas, notamos que, dependendo do autor e de seus propósitos, ela pode variar muito. A proposta de Perelman e Olbrechts-Tyteca

(2005), uma das mais acatadas, considera três grupos, de acordo com o efeito produzido no discurso: 1) escolha, que se referem à maneira como os fatos são caracterizados; 2) presença, que visam despertar o sentimento de presença no objeto de discurso; e 3) comunhão, aquelas por meio das quais o orador empenha-se em demonstrar que tem comunhão com o auditório, para tanto, faz referências a conhecimentos comuns.

Na proposta desses autores, a alusão, figura de interesse deste estudo, pertence ao grupo da comunhão. Conforme Perelman e Olbrechts-Tyteca (2005), há alusão quando o orador faz referência indireta a algo (como um acontecimento do passado, um fato cultural), “cujo conhecimento é próprio de membros do grupo com os quais o orador busca estabelecer essa comunhão” (p. 201). Os autores ainda completam que, ao evocar algo, geralmente se atribui a ele uma afetividade particular e que a alusão é capaz de aumentar o prestígio do orador que possui e sabe utilizar esse procedimento.

Segundo Tringali (1988, p. 140), fazer uso da alusão é quando se “explica alguma coisa por meio de uma referência a um outro fato conhecido” do interlocutor/ auditório, ou seja, quando o orador menciona algo que julga ser do conhecimento do público, apelando a uma memória, com o intuito de firmar comunhão. A partir dessas considerações, acrescentamos que, por meio dessa figura, o tema aludido pode permitir que o auditório infira sobre uma ideia mencionada pelo orador e complete, desse modo, o sentido do enunciado.

A comunhão, convém ressaltar, tende a obter do auditório uma participação ativa na exposição. Essa participação/ação, segundo entendemos, pode ser manifestada de diferentes formas. Uma delas é por meio da graça ou do riso. Nesse sentido, o riso consistiria em um sinal por meio do qual o auditório confirma que compreendeu a que diz respeito à alusão.

Além disso, entendemos que a figura da alusão pode gerar humor, nos termos do que Propp (1992) chama de “comicidade da semelhança”⁹⁹. Expliquemos melhor. De acordo com o estruturalista russo (que estuda as relações entre comicidade e riso), o riso pode ser provocado quando descobrimos, de forma repentina e inesperada, que temos alguma semelhança com o outro. Esta pode variar: aparência física, aspirações, costumes. Dessas

⁹⁹ Conforme atesta Alberti (1999), em sua obra *O riso e o risível na história do pensamento*, a vasta nomenclatura aplicada ao universo do riso gera dificuldades aos pesquisadores que tomam como objeto de estudo qualquer material risível, tendo em vista que zombaria, humor, cômico, ironia, sátira, farsa, grotesco e ridículo, entre outros termos, designam categorias que se sobrepõem em diferentes teorias; provocando, muitas vezes, dúvidas quanto à denominação do objeto do riso. Nesse sentido não faremos distinção entre os termos aqui usados.

considerações, questionamos: o riso pode surgir de conhecimentos e informações semelhantes quando mobilizados via alusão?

Neste estudo, defendemos que sim. Partimos da hipótese de que a alusão, figura retórica usada para buscar a comunhão com o auditório a partir do compartilhamento (entre o orador e o auditório) de informações, costumes, cultura etc., funciona como um mecanismo de produção do humor capaz de despertar a atenção do auditório e de contribuir com o processo de persuasão.

O humor/cômico, como já observaram Perelman e Olbrechts-Tyteca (2005) e Carmelino (2012), desempenha uma função extremamente importante nas relações interpessoais: a persuasão. Para Perelman e Olbrechts-Tyteca (2005, p. 213), trata-se de um “elemento importantíssimo para conquistar o auditório ou, mais comumente, para firmar uma comunidade entre orador e auditório”.

Segundo Carmelino (2012, p. 48), “o humor pode ser um artifício valioso para despertar o interesse, sensibilizar, incitar uma posição ou opinião, capturar a benevolência, provocar ação”. Além disso, para a autora, o humor encontra nas figuras um meio de deixar passar o discurso proibido: “orador vale-se de termos apropriados para atingir determinados fins” (p. 46).

É, portanto, com base nessas considerações que partimos para a análise aqui proposta.

Alusão: humor e persuasão na pregação de Cláudio Duarte

Como dito, na proposta da Nova Retórica, as figuras ganham um novo caráter, deixam de ser apenas uma maneira de ornamentar o texto e passam a adquirir forte caráter argumentativo. Além de recursos ideais para a construção do discurso sedutor, participam da construção do sentido dos textos. Isso não é diferente com a alusão.

Na pregação “Reconstruindo as verdades de Deus”, é possível observar o uso recorrente da alusão a fim de produzir humor e auxiliar no processo de persuasão. A presença do humor pode ser identificada por meio do riso explícito do auditório (como será possível notar nos trechos transcritos) e assume, segundo entendemos, uma função estratégica: chamar a atenção, capturar a benevolência da assembleia e deixar passar o discurso proibido.

Por meio da alusão, Cláudio Duarte empenha-se em criar comunhão com o auditório em diversos momentos. Ao compartilhar determinados problemas e certas situações vivenciadas por ele e pelos fiéis, o pastor quebra o estereótipo de homem santo, ou seja, de

líder religioso que aparenta não passar pelas mesmas dificuldades cotidianas que as de seu auditório. Essa semelhança inesperada e, de certa forma, inusitada, gera humor. Vejamos um exemplo.

Exemplo (1)

P: olha o que diz a bíblia “fugi da mulher adúltera”... a bíblia manda tu enfrentá o diabo: (0,3) ((aponta para frente e a assembleia ri)) e fugi da mulher adúltera ((ri apontando para trás)) do home a/o que que/por que que Deus não falou enfrenta a mulhé: ((gesticula que não com veemência)) (0,5) foge da mulher adúltera e enfrenta o diabo... porque a mulher adúltera é mais perigosa... o homem adúltero... é mais perigoso... ele fala coisas que seu marido não fala:: “Tá cheiROsa::” miserável do marido nem nariz tem mais aquela praga ((a assembleia gargalha)) é ou não é? hé:::.... o **adúltero** abre a porta do carro pra você entrá::... seu marido sai com carro você nem entro ((risos))... um pé dentro e outro fora... é ou não é verda/ ((diz enquanto imita pulando com um pé apenas apoiado no chão))...vai a mulhé assim... para pra penSÁ ((a assembleia gargalha)) cê tá rindo de coisa que te faz choRÁ... é ou não é verdade? ... **pare pra PENSÁ**::...isso é/isso é perigosíssimo irmã:::...aquela mulhé/ é ou não é? a bíblia manda foge dela...a mulhé maneira... mulhé feia não precisa fugi ((risos)) ...mulhé feia só entra no céu porque recebe um novo corpo ((risos)) ... é ou não é verdade? ((gesticula que não enquanto a assembleia ri)) isso é heresia... brincadeira...tá certo? (21’13’’ a 22’38’’)

No excerto (1), o pastor busca comprovar a veracidade de seus argumentos aludindo a passagens bíblicas¹⁰⁰ a fim de tornar crível seu discurso. Os preceitos bíblicos resgatados por meio do tema “adultério” e da menção direta ao Livro Sagrado (“olha o que diz a bíblia ‘fugi da mulher adúltera’... a bíblia manda tu enfrentá o diabo”) são utilizados com o intuito de mostrar que seu discurso tem embasamento irrefutável e, também, para fundamentar os argumentos acerca dos preceitos que defende (a família tradicional constituída pelo matrimônio).

O orador narra as diferenças entre homem/mulher adúltero(a), revelando saber que muitos dos presentes ali vivenciam o descaso do(a) esposo/esposa e as investidas aparentemente atrativas do adultério. Para manter a atenção e comunhão do auditório, o pastor

¹⁰⁰ A possível passagem bíblica aludida é de Levítico, capítulo 20, que versa sobre as penas de diversos crimes e que, no versículo 10, condena o adúltero conforme aludido no discurso do pastor: “Também o homem que adulterar com a mulher de outro, havendo adulterado com a mulher do seu próximo, certamente morrerá o adúltero e a adúltera” (BÍBLIA SAGRADA, p. 175).

interage com perguntas do tipo “é ou não é? é:.....”. Tais perguntas mostram que situações como as aludidas podem parecer cômicas (o que pode ser comprovado pela presença do riso manifesto), mas causam sofrimento. Os valores apresentados pelo orador, pela autoridade constituída, dão ao discurso valor de verdade.

Além disso, o orador-pastor, ao aludir a fatos que certamente muitos membros ali presentes já vivenciaram, mostra reconhecer as dificuldades que os fiéis enfrentam, demonstrando cumplicidade com o auditório. A forma irreverente como conduz o discurso, brincando com o belo e feio, leva o público ao riso, conforme se verifica em: “isso é/isso é perigosíssimo irmã:::....aquela mulhé/ é ou não é? a bíblia manda fogue dela...a mulhé maneira... mulhé feia não precisa fugi ((risos)) ...mulhé feia só entra no céu porque recebe um novo corpo ((risos))””.

Por ter um discurso autorizado pela instituição religiosa, Claudio Duarte busca manter e assegurar a unidade religiosa (que condena o adultério). O pastor, assim, age retoricamente para a manutenção do estabelecido, ainda que seja por meio de artimanhas, como o humor. Segundo as palavras de Amaral (2015, p. 115), “mudam-se a formas de propagar o sagrado, mas não se quebra a sacralização pelo dizer”. Vejamos outro caso.

Exemplo (2)

P: a vara da correção... não é pra espancar...mas a varinha... faz milagre também...tem que ter uma varinha... legalzinha... é uma correçãozinha...é pra dis-ci-pli-nar... Deus diz “**eu repreendo e castigo a todos quanto amo sedes zeLOso e se arrepende**”... Por QUE que a bíblia diz isso? capítulo vinte nove de provérbios...verso quinze...vinte nove verso quinze “**a vara e a repreensão dão::?**”

A: (“sabedoria”)

P: “**mas o rapaz entregue:: enverGOnha**”?

A: (“sua família”)

P: a vara/ **HOje:::olha os valores...seculares hoje/ hoje essa turma vai pro senado pra fazer uma lei de que eu não posso bater no meu Filho** (0,4) ((para e fica olhando para a assembleia)) **na hora que eu apaNHEI ninGUÉM criou lei pra me defender** (0,4)((assembleia gargalha)) **ses dias eu falei pra meu filho...vou bater ni você...ele disse “eu não fiz nada” eu falei eu não QUero justiça...eu quero vingança** ((assembleia gargalha)) (25’15” a 25’48”)

Nessa passagem, o orador revela compartilhar a mesma cultura e os valores sociais do auditório, visto que se inclui no enunciado (“**essa turma vai pro senado pra fazer uma lei**”

de que eu não posso bater no meu filho”), mostrando que também vive situações problemáticas em sua vida cotidiana e, portanto, sabe bem o que diz.

Vale ressaltar também a crítica que o orador faz aos políticos que legislam sobre a forma como os genitores devem educar os filhos, fazendo alusão à alteração da Lei 13.010 (conhecida como “Lei da palmada”¹⁰¹), que foi recriminada por grande parcela da população – especialmente por aqueles com pouca instrução e criados com castigos físicos ou de acordo com valores religiosos mais severos –, que acredita (e defende) que a censura física é a melhor maneira de corrigir e educar.

A partir dessa crítica, o orador revela defender os valores tradicionais: a punição dos filhos com castigos físicos deve ser mantida, incitando o auditório a pensar da mesma forma. Isso deixa subentendido que muitos dos problemas que os pais enfrentam na criação dos filhos estão relacionados à intervenção do Estado (**“HOJE::...olha os valores...seculares hoje/ hoje essa turma vai pro senado pra fazer uma lei de que eu não posso bater no meu filho”**).

Se o auditório reage às palavras (posição) do pastor-orador rindo, significa que as compreende, que está de acordo com elas e que as aceita. Logo, o auditório particular acena para a aprovação do que foi dito. A cumplicidade entre orador e auditório é garantida a partir dos argumentos apresentados pelo pastor: **“na hora que eu apaNHEI ninguém criou lei pra me defender”**. Fica implícito que o castigo físico não trouxe danos para a fase adulta do pastor; pelo contrário, contribuiu com a formação moral dele e dos que foram criados na mesma época.

Vejamos a seguir um exemplo no qual o orador faz menção ao relacionamento entre nora e sogra.

¹⁰¹ A lei 13.010, conhecida popularmente como “Lei da Palmada”, foi alterada pela presidente Dilma Rousseff, em 26 de junho de 2014, modificando tanto o Estatuto da Criança e do Adolescente quanto o Código Civil. A “nova” lei estabelece que a “criança e o adolescente têm o direito de ser educados e cuidados sem o uso de castigo físico ou de tratamento cruel ou degradante, como formas de correção, disciplina, educação ou qualquer outro pretexto, pelos pais, pelos integrantes da família ampliada, pelos responsáveis, pelos agentes públicos executivos de medidas socioeducativas ou por qualquer pessoa encarregada de cuidar deles, tratá-los, educá-los ou protegê-los”. Na época em que a lei foi alterada, houve grande polêmica, pois grande parte da população considerou que a lei restringiria o poder dos pais na educação dos filhos, alegando que não caberia ao Estado interferir na maneira dos pais corrigirem os filhos, visto que uma palmada não geraria transtornos na formação da criança/ adolescente (Disponível em: BRASIL. Lei nº 13.010. **Brasília**: Presidência da República, 26 de junho de 2014. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2011-2014/2014/Lei/L13010.htm>. Acesso em: 3 mar. 2016)

Exemplo (3)

P: é melhor acreditá que sogra é uma praga... que nora é hoRRORosa... e vão se degladiAR::...disputar o meNI::no... que não sabe se fica entre a mãe que o gerou...ou a mulher que vira seu zoIM...((assembleia gargalha)) garoto fica doido...se eu falo que é mamãe...não viro o zoim...se eu viro o zoim mamãe não qué::...oh meu Deus do céu...se correr o bicho pega se fica o bicho come... (29'13'' a 29'38'')

Ao resgatar os problemas de relacionamento entre nora e sogra, o orador alude a conhecimentos próprios dos “membros do grupo com os quais busca estabelecer comunhão” (PERELMAN, OLBRECHTS-TYTECA, 2005, p. 201), quais sejam: a sogra é tida como uma pessoa de difícil convivência e que tende a atrapalhar a vida do casal (em geral, por ciúmes).

A maneira como Cláudio Duarte narra a situação, especialmente a que fica exposta o homem diante do conflito entre a mãe e a esposa (“que não sabe se fica entre a mãe que o gerou... ou a mulher que vira seu zoIM”), usando termos que, de fato, são usados por pessoas comuns (a exemplo “sogra é uma praga...que nora é hoRRORosa...” ; “se correr o bicho pega se fica o bicho come...”), sem o maior pudor por estar em um ambiente religioso, também leva o auditório ao riso. Na verdade, a estratégia é meticulosamente usada para aumentar a tensividade retórica.

Convém salientar, uma vez mais, que a irreverência constante do discurso do pastor contribui para manter e aumentar a atenção do auditório que, a partir do humor, reflete sobre (e provavelmente concorda com) as afirmações sérias que são ditas de forma engraçada. É ao que se refere Travaglia (1990), quando afirma que o humor revela ludismo: dá uma aparência de “não-sério” ao que é dito (muitas vezes seriamente). Assim, pelo humor é possível dizer certas coisas que fora dele seria inviável.

No que tange ao riso manifestado explicitamente pelo auditório, conforme mostram os exemplos citados, em geral ele ocorre quando o orador alude a situações com as quais a assembleia se identifica. A esse respeito, Bergson (2007, p. 5) já havia dito que o “riso esconde uma segunda intenção de entendimento [...] quase de cumplicidade, com os outros ridentes, reais ou imaginários”. Logo, a descoberta de similaridades de conhecimentos e experiências, via alusão, é um dos recursos de produção de humor na pregação analisada.

Se todo ato retórico mobiliza um orador (*ethos*), um auditório (*pathos*) e um discurso (*logos*), verificamos que, na pregação em análise, o pastor Cláudio Duarte, por ser autorizado

pela instituição religiosa, apresenta *ethos* autoritário. O líder religioso busca – especialmente por meio da alusão (seja a situações ou exemplos bíblicos) evidenciada no *logos*, que muitas vezes é capaz de gerar o riso – cativar e ganhar a confiança do auditório (*pathos*) no processo de persuasão.

Considerações Finais

Neste artigo buscamos demonstrar que a alusão, figura retórica mobilizada para gerar comunhão entre orador e auditório – a partir do compartilhamento de informações, costumes, cultura, etc. –, funciona como um recurso de produção do humor capaz de despertar a atenção do auditório e de contribuir com o processo de persuasão.

Como vimos, a comunhão entre pastor e assembleia é confirmada pela participação ativa da assistência durante a fala do pastor. A ação de rir (ou gargalhar) é o elemento indicador de que auditório não apenas (re)conhece as alusões feitas pelo pastor-orador, mas também se surpreende com elas e com o fato de o líder religioso mostrar que vivencia problemas cotidianos semelhantes. Mais do que isso, o riso explícito acena para a aprovação do que foi dito pelo pastor.

É importante dizer que o humor presente na pregação de Cláudio Duarte não desqualifica o papel do líder religioso. Na verdade, o recurso parece ter um efeito contrário: o fato de pregar preceitos bíblicos tradicionais de maneira inovadora, ou seja, por meio da irreverência, torna o pastor cada vez mais conhecido. Esse é, portanto, um exemplo de que o humor é eficaz no processo de persuasão, mesmo em uma esfera da atividade humana em que não é comum, como é o caso da pregação religiosa.

Referências

ALBERTI, V. **O riso e o risível na história do pensamento**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1999.

AMARAL, W. L. **Entre mitos e tabus: a retórica das proibições no discurso religioso**. 140f. Dissertação (Mestrado em Língua Portuguesa), Universidade Pontifícia Católica, São Paulo, 2016.

ARISTÓTELES. **Retórica**. Trad de E. Bini. São Paulo: EDIPRO, 2011.

BAKHTIN, M. M. **Estética da criação verbal**. Trad. de Paulo Bezerra. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

BERGSON, H. **O riso**: ensaio sobre a significação da comicidade. Trad. de Ivone Castilho Benedetti. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

BÍBLIA sagrada: edição de promessas. Trad. de João Ferreira de Almeida. 2. ed. São Paulo: King's Cross, 2009.

BRASIL. Lei nº 13.010. **Brasília**: Presidência da República, 26 de junho de 2014. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Ato2011-2014/2014/Lei/L13010.htm>. Acesso em: 3 mar. 2016.

BRONCKART, J. P. **Atividade de linguagem, textos e discurso**: por um interacionismo sócio-discursivo. Trad. de Anna Rachel Machado e Péricles da Cunha. 2. ed. São Paulo: Educ, 1999.

CARMELINO, A. C. As figuras retóricas presentes nos anúncios de novelas e minisséries publicados na Veja: originalidade ou lugar-comum? **Anais do Congresso Brasileiro de Língua Portuguesa e 3º Congresso Internacional de Lusofonia do IP-PUC/SP**. São Paulo: PUC, 2008.

_____. Humor: uma abordagem retórica e argumentativa. **Desenredo** (PPGL/ UPF), v. 8, p. 40-56, 2012.

CASTILHO, A; PRETI, D. (Orgs.). **A linguagem falada culta na cidade de São Paulo**: materiais para seu estudo. São Paulo: T. A. Queiróz, 1986.

DUARTE, C. Reconstruindo as verdades de Deus. **Pregação**. Projeto Gráfico e Direção de Arte: Leonardo Fusco. s/d. DVD.

_____. Reconstruindo as verdades de Deus. 3 abr. 2013. **YouTube**. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=Lpjb0MG4GWA>>. Acesso em: 30 mai. 2016.

FERREIRA, L. A. **Leitura e persuasão**: princípios de análise retórica. São Paulo: Contexto, 2010.

FIGUEIREDO, M. F.; RODRIGUES, E. M. L. O discurso religioso e a tríplice influência: argumentação, texto e prosódia. **Diálogos Pertinentes**, v. 4, p. 213-242, 2008.

FIGUEIREDO, M. F.; CLARO, A. C.; MORAIS, D. N.; SANTOS FILHO, J. D. U. S. Pregação religiosa: uma caracterização à luz da teoria dos gêneros. **Diálogos Pertinentes**, v. 5, p.129-153, 2009.

MAINGUENEAU, D. **Análise de textos de comunicação**. São Paulo: Cortez, 2001.

NASCIMENTO, J. V. A constituição do ethos e os efeitos da religiosidade em um sermão católico. In: CARMELINO, A. C.; MEIRELES, A. R.; YACOVENCO, L. C. (Orgs.). **Questões linguísticas**: diferentes abordagens teóricas. Vitória: PPGEL/ UFES, 2012. p. 51-70.

PERELMAN, C.; OLBRECHTS-TYTECA, L. **Tratado da argumentação**: a nova retórica. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

PROPP, V. I. **Comicidade e riso**. São Paulo: Ática, 1992.

REBOUL, O. **Introdução à retórica**. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

TRAVAGLIA, L. C. Uma introdução ao estudo do humor pela linguística. **D.E.L.T.A**, v. 6, n. 1, p. 55-82, 1990.

TRINGALI, D. **Introdução à retórica**: a retórica como crítica literária. São Paulo: Duas Cidades, 1988.

_____. **A retórica antiga e as outras retóricas**: a retórica como crítica literária. São Paulo: Musa, 2014.

Anexo

Quadro1 – Notação da transcrição (adaptada do NURC/SP)

Normas da transcrição		
Ocorrências	Sinais	Exemplo
1. PAUSAS		
Pausas rápidas (menores que 2 segundos)	...	porque a mulher adúltera é mais perigosa...o homem adúltero...é mais perigoso...
Pausas longas (superiores a 2 segundos)	(0,2)	Deus não falou enfrenta a mulhe: ((gesticula que não com veemência)) (0,5)
2. FENÔMENOS SEGMENTAIS		
Prolongamento de vogal e consoante (como s, r)	:: podendo aumentar para ::: ou mais	a loucura é:::...juntinha do coração
Silabação	-	é pra dis-ci-pli-nar
Truncamento	/	do home a/ o que que/ por que que Deus não falou
Incompreensão de palavras ou segmentos	()	A: pecado... P: e ele::? A: ()
Hipótese do que se ouviu	(hipótese)	P.: até quando ele? A.: (crescer)
3. PROSÓDIA		
Imitação de outra voz	sublinhado	isso é <u>perigosíssimo</u> irmã
Entonação enfática	maiúscula	a bíblia diz que filho é BENção
Volume alto de voz	negrito	hoje as pessoas estão mudando os valores de Deus
Interrogação	?	P.: o que::?
4. COMENTÁRIOS E/ OU DESCRIÇÕES		
Comentários do transcritor	(())	((a assembleia gargalha))
5. MARCAÇÕES GRÁFICAS		
Citações literais ou leituras de textos	“ ”	“então o espírito do Senhor se apossou DEle tão possantemente que o fendeu de alto a baixo...como se fende um cabrito...sem ter nada na mão...porém nem a seu pai nem a sua mãe deu::: a saber o que tinha:::?”
Palavras estrangeiras	itálico	<i>Big Brother</i>
6. INTERJEIÇÕES		
Fáticos	ah, ahn, tá	e pior...ah...tem